

DESIDENTIFICAÇÃO: A PROPÓSITO DE UM CASO CLÍNICO*

Edgar Chagas Diefenthaler**, Porto Alegre

O autor desenvolve, a partir de fragmentos de um caso clínico, alguns aspectos das desidentificações das identificações patológicas, o que considera como um dos momentos importantes do tratamento psicanalítico. Muitos autores, baseados nos conceitos de Freud, dividem, em linhas gerais, as identificações em normogênicas ou estruturantes e patológicas ou alienantes. O termo desidentificação foi usado por O. Mannoni (1984) que diz: “a identificação é inconsciente... e a conscientização desidentifica”. Algumas considerações são tecidas em torno desses conceitos e de aspectos do tratamento possível das patologias identificatórias.

Introdução

Há muito tempo faz parte do senso comum a noção de que a identificação participa da formação da personalidade. Muito antes de a Psicanálise começar a se interessar, do ponto de vista técnico, por esse tema, o processo de identificação já estava implícito nos imperativos éticos de que os pais deveriam ser bons modelos para os filhos e mantê-los longe das más companhias, por serem, essas, maus exemplos. Dessa forma, supõe-se que a identificação constitui um poderoso fator na formação do caráter (White, 1973:95). A sabedoria popular registra e observa: – “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”.

O termo identificação é bastante antigo e difundido, mas aparece nos dicionários mais ligado a definições relacionadas à consciência e aos afetos. O essencial do trabalho de Freud consistiu em vincular a noção de identificação ao desenvolvimento do inconsciente (Michaud, 1988: 27).

Observa Garcia Badaracco que, apesar “do consenso geral de que a identificação é um dos processos básicos da estruturação da personalidade e uma das pedras angulares da teoria psicanalítica”, e apesar de “a prática clínica psicanalítica evidenciar a importância dos mecanismos de identificação para a compreensão de muitos aspectos da patologia mental, a teoria não parece ter avançado tanto nesse campo” (1990: 85). Assim, conclui-se que o pouco avanço do conhecimento dessa questão preliminar obscurece a noção do tratamento possível da identificação no marco psicanalítico.

O objetivo do presente artigo é desenvolver, a partir de fragmentos de um caso clínico, alguns aspectos da desidentificação das identificações patológicas, o que, provavelmente, constitui um dos momentos essenciais do tratamento psicanalítico. O termo desidentificação foi usado por Octave Mannoni em 1984 e intitula seu trabalho publicado em 1985 (em “Le Moi et l’Autre”, edições Denoël da coleção Espace Analytique), em que considera o mero “dar-se conta” da identificação como suficiente para acionar a desidentificação: “a identificação é inconsciente... e a conscientização desidentifica” (p.97). A conscientização de que algo em “si-mesmo” foi tirado de outro talvez seja suficiente para provocar o necessário distanciamento entre o sujeito e o outro com o qual se deu a identificação, mas isso não é suficiente em muitas situações (como no caso a seguir), em que há identificações mais fixas.

Freud (1921:105) afirma que “a identificação é conhecida pela Psicanálise como a expressão mais primitiva de uma ligação emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. Essa consideração situa a identificação como mecanismo fundamental no desenvolvimento mental infantil. E, “ao afirmar que a identificação já é possível antes mesmo da escolha sexual de objeto, Freud conclui que ela busca moldar o ego de acordo com o objeto tomado como modelo” (Pechansky, 1989: 151).

“O processo de repressão primária instala a amnésia infantil; essas primeiras fases de desenvolvimento não podem ser encontradas tais como eram, mas as identificações primeiras conservam-se como marcas mnêmicas e atualizam-se nos conteúdos mentais, seja através do que chamamos de “representações” nos termos de Freud, “fantasias inconscientes” para M. Klein, “objetos internos” nos termos de M. Klein e Fairbairn ou “fantasmas de identificação” para Alain de Mijolla, e reencarnam-se e tomam nova vida dentro de nós em novas encenações nos sonhos, nos devaneios, nos pensamentos, nos atos, nos sintomas, etc” (G. Badaracco, 1990: 86).

Identificação Estruturante e Patológica

Em “Luto e Melancolia” (1917), Freud descreve com profundidade o processo de um tipo de identificação que surge como resultado de uma perda de objeto; considera a identificação como estruturalmente associada à fase oral canibalística do desenvolvimento da libido (segundo sugestão de Abraham), que seria o primeiro caminho para o ego escolher um objeto que deseja incorporar de acordo com a fantasia canibalística, ou seja, devorando-o. Afirma que esse processo é muito freqüente e que somente assim o indivíduo é capaz de abandonar ou aceitar perder seus objetos; seria esse o mecanismo determinante do caráter do ego, que é um precipitado de antigas cargas objetais abandonadas e que contém a história dessas escolhas de objeto. Esse tipo de identificação, que permitiria a elaboração do luto, está no centro dos processos de desenvolvimento do aparelho mental, ou seja, é estruturante. Em outro tipo de identificação, aqui descrita por Freud, a escolha objetual é substituída por uma identificação, há uma regressão e abandono da carga objetual (identificação de tipo narcisista), o que levaria ao luto patológico, isto é, à melancolia. Essa é a forma patológica de identificação(1).

Freud diz que o luto normal leva o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferece ao ego o incentivo de continuar a viver e “assim também cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o” (p. 290). Ao passo que, na melancolia, o ego identifica-se com a imagem do objeto já perdido (morto, denegrido) e totalmente desinvestido de libido; desta forma, o objeto permanece no ego, como uma presença intrusa e sinistra, como um fantasma.

A. Green (1988: 65) assinala que em “Luto e Melancolia”, a propósito da melancolia, Freud opõe a forte fixação (oral) ao fraco investimento no objeto enquanto situa o luto no centro dos processos de transformação característicos da função objetualizante, que é a meta essencial das pulsões de vida.

Muitos autores, baseados nos conceitos de Freud, dividem, em linhas gerais, as identificações em dois grandes grupos: identificações normogênicas ou estruturantes e identificações patogênicas, que determinam os dois destinos da vida psíquica. Essa, como Freud definiu, tem como objetivo, em grande parte, a elaboração de conflitos.

As identificações estruturantes “servem para o crescimento e constituição do ego desde o “si-mesmo”. Assim, o destino da atividade mental servirá para o desenvolvimento do pensamento simbólico”. As identificações patogênicas, ao contrário, “são conteúdos psíquicos que não podem ser mentalmente processados e mantêm-se como tal, com uma qualidade compulsiva e são vivenciadas como corpos estranhos que devem ser mantidos cindidos do curso associativo”; “como são controlados por fortes mecanismos de defesa que representam um permanente desgaste de energia que seria necessária para a estruturação do aparelho psíquico, determinam uma atividade mental que conduz às deformações do ego de que Freud falava” (G. Badaracco, 1990: 87-8)(2).

Essas identificações patogênicas seriam as descritas por Freud como determinantes da melancolia, onde o ego não é capaz de “matar o objeto morto”. Tal fixação mantém-se indiferente ao passar do tempo, de forma permanente, como uma presença intrusiva e perpétua, como um “outro” no espaço mental do sujeito, um “outro” oriundo do passado familiar (heimlich) que se inscreve na atualidade do indivíduo como algo estranho (unheimlich) e nefasto à individualidade.

O aspecto alienante da identificação é descrita por Freud em “O Estranho” (1919: 254): “a identificação reanima o sentimento estranho pela desvalia que apresenta o ego ante a repetição não deliberada que lhe impõe a fatalidade irreversível desse “outro” (duplo) que não é efetivamente algo novo ou alheio, e sim algo familiar (heimlich) e antigo à vida mental, somente alienado dela pelo processo da repressão. O estranho (unheimlich) do duplo, esse outro é algo que deveria ter ficado oculto, e que, no entanto, emergiu”.

“Essas identificações patológicas determinam organizações mentais também patológicas”: “os precursores do ego propriamente dito não podem estruturar-se sobre a base de sua espontaneidade” e “são obrigados a recorrer a identificações mimetizantes(3) com diferentes aspectos das figuras parentais que alimentarão o superego, sem poderem desenvolver um “si-mesmo” próprio”. “Quanto menos identificações egóicas estruturantes e mais identificações superegóicas ameaçadoras, menor possibilidade de chegar a uma identidade própria verdadeira que inclua um “si-mesmo” capaz de intimidade pessoal e capaz de estar só” (G. Badaracco 1990:91). Fragmentos de um caso clínico podem ilustrar alguns aspectos aqui discutidos.

Caso clínico

A paciente, que chamo de Isabela, iniciou tratamento comigo aos 35 anos de idade. Apresenta um caráter histérico, luta constantemente contra a identificação patogênica determinada pela introjeção da imagem da mãe dominadora, crítica e exigente e vê-se obrigada a repetir com a filha e o marido a mesma atitude dominadora e crítica que diz deplorar em sua mãe. Ao mesmo tempo, reativamente, busca e exalta as características opostas, idealizadas e introjetadas do pai morto no início de sua adolescência, o que se constituiu em um fato traumático em sua vida, reativado com a perda de um familiar, substituto do pai perdido, determinando a busca de tratamento.

Diz Isabela que, ao perder o pai, “seu mundo desmoronou”; sem seu apoio, passou a sentir-se “uma pobre coitada”, vivendo sob as críticas da mãe, que eram reforçadas pelas irmãs mais velhas (identificações alimentam mais o superego do que o ego). Desde então, tolera mal as mudanças e considera que a passagem do tempo só trouxe perdas e infelicidade.

Descreve a mãe como “carrancuda”, irritada, queixosa e sem autocrítica, pois essa sempre atribui às pessoas próximas o motivo de suas contrariedades e infelicidade, enquanto o pai é descrito como um homem amável, disponível e sorridente.

A história familiar de Isabela conta que seu pai imigrou de um país longínquo e escolheu, para as filhas, nomes idênticos aos nomes das filhas de uma irmã, que vivem no lugar de origem da família.

A mãe de Isabela também veio de outro país, de família numerosa e com várias dificuldades e persistiu muito ligada aos irmãos e dependente deles, todos, ao contrário dela, em situação econômica privilegiada. Esse foi mais um motivo de queixa contra o marido, com quem parece não ter tido um casamento satisfatório.

Após a morte do pai, Isabela ficou muito só; a mãe necessitava trabalhar fora o dia inteiro para manter a casa, o que fazia com que se sentisse um “estorvo” aos planos da mãe de encontrar um novo marido.

Isabela casou-se com um dos primeiros namorados. Descreve o marido como um homem bom, protetor e asseado, como fora seu pai. Queixa-se de suas constantes ausências em função do trabalho, o que a faz sentir-se muito só. Considera o relacionamento sexual do casal frio e esporádico por sentir-se freqüentemente deprimida, irritada, desanimada e infeliz (pouca capacidade de ter intimidade).

Quando a filha nasceu, apesar da intensa ansiedade pela responsabilidade de ser mãe, sentiu-se muito feliz. Decidiu não trabalhar em sua profissão para dedicar-se integralmente aos cuidados da filha. Considera essa a melhor fase da sua vida. Seu ideal de felicidade segue sendo o de ser a mãe perfeita de um bebê perfeito (ideal de ego regressivo: manter-se dentro de uma relação fusional, como diade narcísica), ideal terrivelmente abalado pelo corpo púbere e pelas tentativas de autonomia da filha adolescente.

Isabela tem como projeto maior da sua vida (ideal do ego) ser uma mãe sorridente, disponível e encorajadora; deseja ser para a filha a mãe que ela própria gostaria de ter tido, para que a menina nunca venha a sentir-se, como ela, feia e insegura. Dessa forma, também se protege das críticas que ela própria faz à mãe. Isabela é, na verdade, uma mulher bonita, mas não tão bondosa e perfeita como gostaria de ser (representação do ego ideal distante da representação do ego real).

O afastamento circunstancial da filha e do marido faz com que se sinta muito só, abandonada e inútil e, conseqüentemente, desanimada e deprimida. Sente-se rechaçada por ambos como o foi pela mãe. Os momentos de revolta transformam-na em uma severa crítica do marido e da filha; passada a raiva, pensa que está sendo para a filha como sua mãe sempre foi, “carrancuda”, acusadora e intolerante, o que a deixa novamente desanimada e contrariada, porque se percebe agindo como jamais quis, como mais detesta ser, igual à própria mãe.

Na transferência, ativam-se traços de caráter do tipo sádico e exigente, quando Isabela vê-se obrigada a repetir com sua filha a mesma atitude crítica e “carrancuda” da mãe, o que a deixa muito deprimida e raivosa. Com isso, expressa-se a identificação

com a mãe. Nesses momentos, trata o terapeuta de forma crítica, como sentiu que a mãe a tratava: como um “estorvo” e um “inútil”. Uma vez que o tratamento, mantido com sacrifício, não logra mudar sua forma de reagir, estaria, assim, fadada a ser infeliz como a mãe e a culpar os outros, filha, marido e terapeuta, por sua infelicidade. Além de tratar o terapeuta como se sentiu tratada pela mãe, também coloca o próprio ego numa atitude de submissão diante da imagem materna internalizada no superego. Contratransferencialmente, nesses momentos, percebia-me invadido por sentimentos de desânimo, culpa e inabilidade assim como esvaziado de minhas capacidades.

Tal conduta de Isabela parece-me ser o produto de um processo identificatório patológico no qual as identificações superegóticas, como a crítica e a intolerância, características atribuídas à mãe, predominam sobre as identificações egóticas com características positivas e benevolentes, atribuídas ao pai. Essas identificações mantêm a atividade mental num contexto defensivo contra constantes e ameaçadoras ansiedades de separação (pouca capacidade de estar só). Além disso, nesse caso, a vida psíquica está formada por identificações com figuras parentais incapazes de elaborar seus próprios lutos (a mãe sempre deprimida e o marido lamentavam muito a distância de suas famílias de origem), por isso também incapazes de acompanhar o ego dos filhos em seu desenvolvimento para fazer seus próprios lutos e constituir uma identidade própria e verdadeira. As identificações patogênicas repetem-se compulsivamente, sem se modificarem, como se o tempo não passasse (Isabela, como vimos, sente-se muito ameaçada com o passar do tempo e as mudanças que esse traz).

Parece que a isso se referiu Freud (1919:246): “a identificação de uma pessoa com a outra faz com que se confunda seu próprio ego e coloque o ego alheio em lugar do seu próprio. Portanto: há um desdobramento do ego, divisão do ego, substituição do ego; finalmente, há o constante retorno do semelhante – com a repetição dos traços faciais semelhantes, ou caracteres, destinos, atos criminais, ou até dos nomes, através das diversas gerações que se sucedem”.

Processos identificatórios, como o dessa paciente, são facilmente observáveis na clínica psicanalítica. A questão de como tratar tais patologias identificatórias impõe-se: como ajudar esses pacientes a libertarem-se da intrusão de fantasmas oriundos de seu passado familiar, para que possam traçar uma história, um caminho, uma identidade que lhes sejam próprios.

Desidentificação

As desidentificações são divididas por Baranger, N. Goldstein e R. Z. Goldstein, em: desidentificações espontâneas, que se dão naturalmente ao longo da vida e desidentificações no trabalho analítico. Entre as últimas, podem ser descritas três formas: desidentificação do objeto enlouquecedor, desidentificação por desluto (tradução minha do termo espanhol “desduelo”) e desidentificação por autonomia narcisista.

Desidentificações espontâneas

“As desidentificações espontâneas são úteis porque nos mostram um caminho para ajudar o paciente a desfazer-se de suas identificações patogênicas no processo analítico”. O que propulsiona esse tipo de desidentificação “é o caráter contraditório dos processos identificatórios. O aspecto mais importante dessas contradições está na dualidade sexual dos objetos primários e essa situação é ainda mais complicada pelo fato de que os modelos identificatórios (antes de tudo, os pais) por sua vez são produto de identificações diversas com ambos os sexos”; “portanto, se não houvesse um trabalho espontâneo constante de desidentificação, o sujeito se apresentaria como uma espécie de patch-work composto de pedaços de identificações, apenas alinhavados entre si” (Baranger, W. et alii, 1989: 896).

A própria situação edípica, necessariamente, contribui para as contradições e conflitos entre as identificações, nas flutuações e no ir e vir das alianças, nas cumplicidades e exclusões, ou seja, nas constelações intrínsecas à complexidade triangular.

Além disso, devemos incluir, entre as desidentificações espontâneas, as mudanças e perdas que naturalmente ocorrem na vida do sujeito, que constituem “as crises, de certa forma necessárias, para que o ideal do ego infantil possa evoluir e chegar a um ideal de ego adulto, passível de se integrar com o superego e necessário para a estruturação da personalidade”, como remarca J. Chasseguet-Smirgel (1992: 152).

“A história de um sujeito é, em parte, a história de suas desilusões”; a descoberta das imperfeições, limitações, dependências de outros adultos, necessidades, carências e a sexualidade dos pais “todo-poderosos”, herdeiros do ideal de ego infantil, determinam sentimentos de perda, solidão, desamparo e vergonha, “por isso a freqüente queixa dos pacientes de seus pais não haverem sido como ‘deveriam’ ser” (Baranger, W. et alii, 1989: 897). Lembro do terrível choque que teve uma paciente, em sua puberdade, quando descobriu que seu pai, “tão forte e importante”, tinha um chefe. Choque do qual ela não se recuperara de todo, pois permanecia muito decepcionada com o pai, ao longo de sua vida.

Kancyper (1990: 750) assinala que esses movimentos, essenciais na adolescência, “exigem o abandono da imagem idealizada e arcaica parental para encontrar ideais novos em outros modelos mais adequados à realidade”. “O afastamento que inclui a renúncia aos laços incestuosos equivale, em parte, à perda de um objeto de amor, ainda que ambivalente, o que faz com que sentimentos de culpa e dor acompanhem esse processo de desidentificação e ‘reidentificação’”. “O adolescente deve tolerar o luto e a revisão dos padrões estabelecidos para chegar à sua Weltanschauung, a uma cosmovisão questionadora própria”.

Desidentificações no processo analítico

Enfrentamos constantemente o problema de conseguir que o analisando possa se desprender de identificações patogênicas. Todas as identificações patogênicas apresentam-se no campo psicanalítico como construções estratificadas e de difícil solução, à medida que pretendemos penetrar em suas camadas mais profundas. O trabalho psicanalítico permite que o indivíduo utilize desidentificações espontâneas, mas essas são soluções superficiais. No exemplo de Isabela, desidentificação espontânea seria substituir o predomínio das identificações com as características de beligerância e desconfiança atribuídas à mãe por identificações com características de tolerância atribuídas ao pai, mas permanecendo presa, no fundo, a sua identificação inicial com a mãe. Esse resultado seria bem ilustrado pela metáfora de Baranger, W. et alii: “uma luva de pelica dissimulando uma mão de pele demasiadamente sensível e unhas excessivamente afiadas” (1989: 898).

O processo de desidentificação em níveis mais primitivos de organização psíquica (psicóticos ou borderline) está relacionado com os núcleos identificatórios confusionais, que se mantêm cindidos no inconsciente e foram descritos por Garcia Badaracco com o nome de “objetos enlouquecedores”. “Estes fazem com que uma parte do paciente o transforme em um objeto enlouquecedor para si próprio, para o ambiente, ou para quem o está tratando”. “O confusional se refere não tanto à internalização de um objeto perseguidor, no sentido kleiniano, mas a um vínculo no qual sujeito e objeto não estão

diferenciados e se comportam, simultaneamente, como perseguidor e perseguido, algoz e vítima”. “Nesse sentido, a elaboração paranóide seria uma tentativa de resolução do vínculo simbiótico e confuso mediante a localização, mais ou menos estável, do perseguidor e do perseguido em diferentes áreas da mente ou do espaço externo”. Aqui, a desidentificação no processo analítico “implica a utilização da transferência psicótica no trabalho de elaboração entre os processos de identificação projetiva e reintrojeção, tal como descreve M. Klein, o que é muito dificultado pelo caráter arcaico do vínculo introjetado e da necessidade, que o sujeito teve, de introjetá-lo. Procura-se uma diferenciação do que é interno e do que é externo que, no caso, é muito rudimentar. Busca-se, nos termos de Wisdon, uma ‘orbitalização’ de um introjeto nuclear” (Baranger, W. et alii, 1989:898-9).

O processo de desidentificação em níveis superiores de organização psíquica dar-se-ia de duas maneiras diferentes, de acordo com a forma de identificação que determinou a estruturação identificatória.

A primeira destas duas formas de desidentificação é aquela em que há um trabalho de “desluto” (“desduelo”), que “utiliza o mesmo procedimento do trabalho de luto descrito por Freud: o tomar consciência da situação histórica que deu lugar à identificação, a análise de cada um dos aspectos e traços do objeto que foram acolhidos no ego e no ideal do ego, juntamente com as fantasias que acompanharam esse processo e de suas conseqüências patológicas. Necessita de um novo processo de discriminação, já não focalizado (como era no trabalho de luto) entre o vivo e o morto, mas sobre o harmônico e o desarmônico com o conjunto da personalidade”; “o resultado seria uma re-objetualização do que a pessoa havia considerado como sendo seu. Na medida em que ser como o objeto equivaleria a ter o objeto, deixar de sê-lo equivale a perdê-lo e por isso não deve surpreender que o trabalho de ‘desluto’ reavive os sentimentos de tristeza e pena que acompanham o luto, além de sentimentos de estranheza referidos à própria pessoa”. “Os ganhos demoram a ser considerados como tais, há uma sensação de perda de uma satisfação sem se ganhar nada em troca (por ex., mudança identificatória em pacientes homossexuais). Quando esse processo chega ao fim, aparecem sentimentos de esperança e vivências de renascimento” (Baranger, W. et alii, 1989: 900). O “desluto” seria como um segundo tempo do luto, o luto é o instaurar dentro de si aspectos do objeto, o “desluto” seria discriminar ou “devolver” ao objeto aquilo que em realidade lhe pertence e que é desarmônico (não combina) com a totalidade do “si-mesmo”, seria como “dar a César o que é de César”.

A outra forma de desidentificação seria a da “autonomia narcisista” que se refere ao ideal do ego. “Uma vez reconhecido o caráter patógeno das identificações do sujeito, esse trata de realizar um processo de separação interna, despojando-se do que foi tomado do objeto, o que é acompanhado de sentimentos de perda de identidade”, como se a autonomia passasse por uma sensação de mutilação. “Os traços do objeto adquiridos identificatoriamente foram vivenciados pelo sujeito como admiráveis, valoráveis ou necessários em algum aspecto, mesmo depois de se terem revelado patológicos” (Baranger, W. et alii, 1989: 900). Esse parece ser o caso da paciente Isabela, em quem a posse da “maldade” e da “carranca” do objeto teria sido necessária para o sujeito sair da situação em que se sentia como vítima do objeto.

Isabela faz do sorriso e manifestações de apreço de alguns objetos idealizados um pedestal e, quando falha essa sustentação, sente-se desmoronar e cair em um fosso de tristeza e indignação. Lamenta ser tão dedicada àqueles que ama e que sempre se revelam indiferentes e preocupados exclusivamente com seu próprio bem-estar. Justifica sua necessidade de aprovação com o fato de ter perdido, muito cedo, o pai que a aprovava e, com isso, ter ficado na dependência exclusiva da mãe desaprovadora, fria e irritada (com pouca capacidade de rêverie). Paradoxalmente, Isabela, com esse funcionamento, está sempre pendente dessa mãe, mantendo suas reivindicações infantis, bem como adotando e repetindo a expressão e a atitude que diz detestar na mãe.

A paciente não tem bem estabelecida a noção de que as pessoas têm suas próprias necessidades e limitações e espera estar sempre sendo alimentada e gratificada pelo objeto que deve, ao mesmo tempo, conter toda sua raiva (quando discorda de alguém, diz que “liga sua metralhadora” em direção ao objeto). Faz lembrar a imagem de Meltzer (1977: 173) da cisão do seio em função da expectativa de um “seio generoso e nutritivo, sempre disponível” e ao mesmo tempo um “seio-toilette”, onde se despejam todos os dejetos; faz-se necessário que a paciente aprenda a reter o sofrimento mental por períodos mais longos, sem expulsá-lo, para poder superar a atitude infantil de exigir a presença incondicional do objeto bom e a escassa responsabilidade adulta pela realidade psíquica própria.

O trabalho tem sido no sentido de poder, ela própria, dentro da relação com o terapeuta, vir a ter a noção de seu próprio valor e não depender tanto da aprovação de outras pessoas. Para Chasseguet-Smirgel (1991: 69), “o ego deve obter seu sentimento de valor e estima ao estar de acordo com as exigências do superego, que deve vir a ser a grande fonte de aportes narcisistas”; dessa forma, “o ideal do ego deve integrar-se ao superego, uma vez que o ideal do ego tende a restaurar a ilusão e o superego a promover a realidade; o superego separa a criança da mãe, o ideal do ego leva à fusão”.

Aqui, nesse tipo de desidentificação, “os processos que acompanham uma perda importante no ideal do ego, uma autonomia brusca neste nível, quer dizer, uma desilusão, se diferenciam claramente dos do ‘desluto’. Há um desmoronamento da ilusão e ideais patológicos que sustentam a auto-estima; com isso, devem aparecer intensos sentimentos de desproteção, medo de enlouquecer e fantasias paranóides” (Baranger, W. et alii, 1989:901)(4). No caso descrito, Isabela passou do drama da conscientização de seu funcionamento patológico ao drama da lucidez, do “como é terrível ser assim (como a mãe)” ao “como pude ter sido assim (como a mãe)”; ambas as situações fazem-na experimentar sentimentos persecutórios e, por vezes, de depressão. Tanto o “encerramento” como o distanciamento da identificação com a mãe são sentidos como trágicos.

Atualmente, a paciente surpreende-se, retrospectivamente, ao dar-se conta de que tem reagido de forma distinta ao padrão que atribui à mãe. Considera aspectos positivos nessa e em si própria. Dessa forma, constata a utilidade do longo período de tratamento. Já não considera justa a convicção: seus “defeitos” como sendo de total responsabilidade da mãe e suas “capacidades” como méritos exclusivamente próprios.

Na sala de espera do consultório, uma reforma deu lugar a duas pequenas janelas. Isabela, nos momentos mais integrados, compara os efeitos do tratamento com os dessa reforma, dizendo que esse, através de pequenas aberturas em seu modo de sentir, permitiu que entrassem luz e ar em sua vida(5).

Garcia Badaracco diz que todo vínculo simbiótico normal, determinado pelas necessidades básicas, permite uma desmbiotização, assim como deve haver a desilusão da ilusão de uma relação fusional com o objeto primário. “Uma vez que não se encontre um bom vínculo onde isso possa acontecer, há uma introjeção de vínculos patógenos, que leva a uma identificação patógena ou do tipo “salva-vida”, da qual o objeto não pode desprender-se”. A desidentificação dá-se através da experiência analítica de uma simbiotização com o analista, para assim poder desprender-se da identificação com o objeto primário que leva à repetição compulsiva ou à recriação da situação traumática onde se produziu essa identificação. Esse autor discorda da compreensão kleiniana do vínculo narcisista através das identificações projetivas dos pacientes, e considera que o

drama narcisista é mais do narcisismo da mãe, ou do pai, do que narcisismo da criança, ou seja, há um déficit na função parental. “O ideal do ego foi somente uma idealização que não teve um depositário confiável, capaz de sustentar o ego nos momentos de perigo de naufrágio” (1990: 99). Penso que Badaracco coincide com Winnicott (1994:113, 328), que descreve um “processo de desilusão” que pertence à saúde, no qual a mãe desilude o bebê da ilusão da experiência de onipotência concedida por ela.

Serge Leclaire diz que “a prática psicanalítica se funda na revelação do trabalho constante de uma força de morte, que consiste em matar a criança maravilhosa (ou terrorífica) que de geração em geração testemunha os sonhos e os desejos dos pais; não há vida sem pagar o preço do assassinato da imagem primeira (representação narcísica primária) em que se inscreve o nascimento de todos. Assassinato irrealizável, ainda que necessário, já que nenhuma vida é possível, nenhuma vida de desejo, de criação, se se suspende o assassinato da “criança maravilhosa”, sempre renascente (1990:11).

Isabela nega-se a “matar essa criança maravilhosa” e insiste em recriar o vínculo da mãe maravilhosa cujo olhar beatífico converte a criança, e a si própria, em um extremo esplendor (como a Madona e seu menino Jesus).

“Matar a criança” consiste, ao mesmo tempo, em matar o pai – os pais – que marcaram a criança com as primeiras identificações (é um duplo assassinato); isso é o que complica a tarefa da desidentificação” (Baranger, W. et alii, 1989: 898).

Construção e desidentificação

Mannoni (1992) observa que Freud considerou, com muita clarividência para a época, que “a identificação é um modo de pensamento que não tem necessidade de ser justificado” e complementa que “não se tem que procurar a causa – o porquê – da identificação, tem-se que considerar somente o como. Ou ainda, em análise, a identificação não é ela própria interpretável (ou, se quiser, não existe outra interpretação, além da desidentificação” (p. 95). Mais adiante afirma que “a identificação jamais se torna consciente, a não ser pela desidentificação” (p. 98). E conclui que “a identificação funciona, em primeiro lugar, como resistência” (p. 104).

Haydée Faimberg (1985: 1048) afirma que as identificações são alienantes porque o sujeito se submete, inconscientemente, às histórias de um “outro”, que não lhe dizem respeito, mas às quais se mantém preso; o “outro” significa o narcisismo parental e a identificação com o mesmo. Essas identificações alienantes são mudas e inaudíveis e têm uma história, ou seja, têm uma causa que, ao ser compreendida, as torna mais significativas e audíveis(6).

é muito doloroso admitir que nossos pais também foram guiados por poderosas pulsões e que também tiveram que enfrentar conflitos insuperáveis (como o edípico). “Poucos pacientes atravessam a fronteira desse baluarte narcisista fundamental e conseguem profundidade na compreensão do caráter humano de suas origens”, diz Alain de Mijolla (1988: 75).

“O processo analítico deverá então sempre realizar-se numa sucessiva alternância de movimentos de elaboração interpretativa, fases de desidentificação, desenvolvimento de novos recursos egóicos e processos de elaboração e resolução de conflitos”, considera G. Badaracco (1990: 100).

Os resultados da identificação são inconscientes e, quando revelados, em geral não são questionados pelo sujeito que considera seus traços de caráter, condutas e situações repetidas que definem seu destino, mero resultado de inexorável herança, como se fora genética, sem levar em conta o como, em que contexto histórico e a serviço de que essa identificação se deu. Geralmente o sujeito adota uma postura de extrema passividade e conformismo (egossintônica), comumente manifestada na expressão: “sou assim como meu pai ou minha mãe sempre foram, afinal, como diz o senso comum, ‘o fruto nunca cai longe da árvore’”. Como se os filhos tivessem de se resignar a repetir a história de seus pais e de sua família.

Pode-se concluir que, para a desidentificação no processo psicanalítico, a construção das situações traumáticas (historização, reconstrução) é de fundamental importância. As fontes das identificações arcaicas e patológicas são mudas, semelhantes aos traumas (“a ansiedade é uma reação original ao trauma que o ego, em seu desamparo, sofreu passivamente e passa a repetir ativamente”, Freud, 1926: 192), e se acham rodeadas de um vazio histórico, que precisa ser preenchido através do conhecimento que a repetição transferencial e a percepção contratransferencial dessas situações trazem. Assim, um “desgaste” gradual da ansiedade da situação traumática permite que a repetição leve a uma elaboração da vivência afetiva, além da conscientização, e ao abandono do que primordialmente foi indispensável para a sobrevivência, ou seja, da identificação patógena (identificação vivenciada como um “salva-vidas”, G. Badaracco, 1990: 91). Para que, dessa forma, o sujeito consiga desprender-se desses “outros” que vivem dentro dele e aceda ao genuíno e autêntico em “si-mesmo”. Para que possa lograr sua individualidade.

Summary

The author develops, by means of fragments of a clinical report, some aspects of “desidentifications” of pathological identifications, which he considers one of the most meaningful moments of psychoanalytic treatment. Many authors, based upon Freud’s concepts, divide, in an overview, identifications in normogenic or pathogenic. The term desidentification was created for the first time for O. Mannoni (1984), who says: “identification is conscious... and consciousness ‘desidentifies’”. Some considerations are done upon this concept and the aspects of the possible treatment of the pathological identifications.

Referências

1. BARANGER, W.; Goldstein, N.; Goldstein R. Z. Acerca de la desidentificación. Rev. de Psicoanálisis, v. 46, n. 6. p.895, 1989.
2. CHASSEGUET– SMIRGEL, J. O Ideal do Ego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 69, 152.
3. FAINBERG, H. El telescopaje de generaciones: la genealogia de ciertas identificaciones. Rev. de Psicoanálisis, v. 42, n. 5, p. 1048, 1985.
4. FREUD, A. O Ego e os Mecanismos de Defesa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972. p.102.
5. FREUD, S. Luto e Melancolia. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v. XIV, p. 290.
6. _____. Das Unheimliche. Tradução de Ingeborg Bornholdt. Germany: S. Fischer Verlag, 1972. v. XII, p. 246, 254.
7. _____. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v.XVIII, p. 105.
8. _____. Inibições, Sintomas e Ansiedade. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. v. XX, p. 192.
9. GARCIA BADARACCO, J. E. Las identificaciones y la desidentificación en el proceso analítico. Rev. de Psicoanálisis, v. 47, n.1, p. 84-102, 1990.
10. GREEN, A. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: _____. A Pulsão de Morte. São Paulo:

Escuta, 1988. p. 65.

11. KANCYPER, L. Adolescencia y desidentificación. Rev. de Psicoanálisis, v.47, n. 4, p. 750, 1990.

12. KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides In: _____. Desenvolpos em Psicoanálisis. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1971. p. 259.

13. LECLAIRE, S., Matan a un Niño – Ensayo sobre el Narcisismo Primário y la Pulsión de Muerte. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990. p.11.

14. MANNONI, O. Um Espanto Tão Intenso. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 95-104.

15. MELTZER, D. Una técnica de interrupción en la impase analítica. In: GRINBERG, Leon (Ed.). Prácticas Psiconalíticas Compradas en las Neurosis. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1977. p. 173.

16. MICHAUD, G. et al. Las Identificaciones. Buenos Aires: Edición Nueva Visión, 1988. p.27.

17. MIJOLLA, Alain de. Las Fantasias Inconscientes de Identificación y la Prehistoria Familiar. Libro Anual de Psicoanálisis. São Paulo: Escuta, 1988. p. 75.

18. PECHANSKY, I. Importância do mecanismo de identificação na obra de Freud: uma revisão crítica. In: Kunzler, F.; Romanowski, R.; Araújo, M. A Presença de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 151. (Publicações da Associação Brasileira de Psicanálise)

19. REICH, N. Análise do Caráter. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989. p. 163.

20. WINNICOTT, D. W. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 113, 328.

21. WHITE, R. W. La identificación como un proceso del desarrollo. In: _____. El Yo y la Realidad en la Teoria Psicoanalítica. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1973. p. 95.

Edgar Chagas Diefenthaler

Pça. Dom Feliciano, 39/1401

90.020-160 – Porto Alegre - RS

Fone: (051)228-0007

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Trabalho apresentado no Instituto de Psicanálise da SPPA em 1994.

** Candidato do Instituto de Psicanálise da SPPA.

1. Freud falou em outros tipos de identificação, como identificação histórica, primária, etc., que não serão aqui abordados.

2. Este mecanismo é chamado por Meissner, o estudioso das identificações da Psicologia do Ego, de "introjeção". Dentro de sua classificação das internalizações seria, por um lado, mais evoluído que a "incorporação" (em que haveria uma indiferenciação, ou fusão, entre sujeito e objeto, pertinente a um funcionamento mais regressivo) e, por outro lado, menos evoluído que a identificação, onde a diferenciação e a integração tomam possível a formação da identidade, o mais alto grau das internalizações.

3. Identificação com o agressor, segundo Ana Freud (1936).

4. Melanie Klein referiu a idealização como uma forma de neutralizar a angústia paranóide.

5. Entendo essas "aberturas" como rupturas na defensiva "couraça de caráter", segundo os termos de W. Reich (1989:163).

6. Os autores citados usam o termo "historização" quando se realiza a investigação da história que cada identificação encerra; outro termo usado por esses autores é "reconstrução", cunhado por Freud. Eu aqui prefiro o termo "construção", também de Freud, que me parece estar mais vinculado às vivências internas do paciente. Entendo que a reconstrução, com a verdade histórica que contém, é mais útil para a compreensão do terapeuta.